

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL - CAMPUS BENTO GONÇALVES**

**A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE REGISTRO, LEITURA E
INTERPRETAÇÃO DOS ESPAÇOS**

Bento Gonçalves, RS

2024



Sofia Casanova Comparin

Laura Contini Valduga

Michele Savaris

A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE REGISTRO, LEITURA E INTERPRETAÇÃO DOS ESPAÇOS

Relatório apresentado à 8ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Michele Savaris.

Bento Gonçalves, RS

2024



RESUMO

O espaço físico envolve a dimensão simbólica e emocional, ou seja, sentidos, emoções e vivências associadas a processos históricos de indivíduos. Dentre as ferramentas utilizadas no registro e compreensão dos transcurso, a fotografia é uma delas. Além de apresentar questões estéticas, também pode apontar mudanças associadas aos espaços e aos indivíduos. Assim, este trabalho visa a analisar a fotografia como auxiliar no registro e entendimento da alteração do espaço urbano pelo agente humano, em Bento Gonçalves-RS. Para isso, fizemos leituras teóricas e pesquisas sobre o modo como áreas naturais compartilham espaço com elementos urbanos em alguns locais, fotografamos os lugares, selecionamos e analisamos 20 imagens que mapeiam duas situações: a natureza compartilhando espaço com elementos urbanos em expansão; disputando espaço com esses elementos. No primeiro caso, temos uma relação complementar e, no segundo, competitiva, por interferência humana. Todas as fotos podem ser lidas do ponto de vista estético, ou seja, da organização dos elementos, e, também, pela ótica da modificação (por necessidade ou não) do espaço natural pelo homem. Os resultados mostram que, apesar da cidade em questão ter várias áreas verdes, há a necessidade de ações preservativas para evitar desastres ambientais. Durante a tomada fotográfica, observamos a relação entre o urbano e o natural. Por fim, através dos aspectos fotográficos (ângulo, enquadramento, composição etc), foi possível refletir sobre o equilíbrio e, também, a competitividade entre desenvolvimento humano e preservação ambiental no meio urbano. Além disso, é perceptível que a linguagem fotográfica direciona o olhar à imagem registrada e conduz a interpretações diversas, chamando a atenção à modificação do espaço por meio do ângulo e foco. Nessa perspectiva, a fotografia torna-se essencial, pois ajuda a mostrar danos ao meio ambiente, auxiliando na conscientização ambiental e incentivo ao equilíbrio entre o natural e o urbano.

Palavras-chave: fotografia, escrita, espaço



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	9
3 OBJETIVOS	11
4 METODOLOGIA	12
5 RESULTADOS OBTIDOS	13
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	31



1 INTRODUÇÃO

A fotografia, segundo Lima (1988), é a arte de escrever com a luz – conforme a origem grega das palavras *foto* = luz, *grafia* = escrita, e, ao mesmo tempo, forma de expressão visual – segundo a origem oriental japonesa: *sha-shin* = reflexo da realidade. Nesse sentido, ela possibilita diversas interpretações subjetivas sobre o mundo e as emoções que recaem sobre os indivíduos, refletindo as percepções de espaço e sociedade.

A fotografia deu seus primeiros sinais no final da Revolução Industrial, e, especificamente, a câmera foi desenvolvida, oficialmente, em 1839. Todavia, seu uso intensificou-se décadas depois, devido às situações de guerra do período, sendo utilizada para retratar o cotidiano das pessoas de forma democrática, natural e transparente. Aos poucos, ela foi se tornando uma prática em massa, porém focada nas elites, para diversos fins, como registros policiais e jornalísticos. Conforme John Berger:

A fotografia, na primeira fase de sua existência, oferecia uma oportunidade técnica; ela era um implemento. Agora, em vez de oferecer novas opções, seu uso e sua “leitura” estão se tornando habituais, uma parte não examinada da própria percepção moderna. (Berger, 2014, p. 75).

Portanto, a ferramenta fotográfica auxiliava, inicialmente, em questões de trabalho e resolução de crimes, visto que seu uso era exclusivo para profissionais que tinham essa finalidade. Contudo, com o passar dos anos, a fotografia se tornou abrangente para toda a população utilizá-la, como lazer, entretenimento ou recordação de memórias. De acordo com Rodrigues:

A fotografia é cópia de um referente, ou seja, de algo ou de alguém – pessoa, objeto, paisagem, animal, acontecimento, etc. – reproduzido como imagem. No mundo da representação fotográfica, o referente é uma primeira realidade, e a imagem é uma segunda realidade. (Rodrigues, 2007, p. 1).

Dessa forma, ela é passível de várias interpretações, com o sentido denotativo, ou seja, caracterizado pelo que é visível, e o sentido conotativo, colocado como tudo o que é possível pensar e analisar a partir da imagem. Para cada indivíduo, uma fotografia pode representar diversas mensagens, pois a partir da memória individual, diferentes



análises surgem ao ver uma foto, pois pode contemplar momentos de vida associados a diversas culturas, aspectos ideológicos, religiosos e sociais.

Tudo é construído pelo fotógrafo através dos registros, que compreende essa complexidade marcada pelo tempo e pelos espaços, e com isso, gera novas perspectivas sobre as imagens a partir de ângulos, do foco, da iluminação, dos enquadramentos etc. Com diferentes lentes, é possível aumentar ou diminuir a distância focal do que é fotografado, sem que se perca a qualidade. Essas diferentes percepções chamam a atenção dos espectadores, que ao interpretar as imagens, se envolvem com elas.

As técnicas fotográficas incluem: a) enquadramento, que, segundo Duchemin (2015, p. 32-33), “[...]podemos insinuar coisas permitindo que o enquadramento corte elementos, deixando implícito que o restante das coisas estão em um mundo que não é mostrado”; b) o enquadramento com moldura, que conduz a atenção a uma parte concreta da composição e portas, janelas ou qualquer outra abertura ajudam a “centrar” o olhar em relação a algum ponto da composição; c) a profundidade de campo, caracterizada por apresentar o primeiro plano nítido, enquanto o segundo permanece embaçado. “Escolhendo uma profundidade de campo pequena, você pode isolar um item de outros a diferentes distâncias [...] Diminuir a profundidade de campo com uma grande abertura [...] significa que você deve realmente regular o foco [...]. Por outro lado, escolhendo a maior profundidade de campo possível, sua fotografia apresentará o máximo de informações (Langford, Fox & Sawdon, 2009, p. 64); d) o ponto de vista que, de acordo com Duchemin (2015, p. 141), “[...]quando movemos nosso corpo, e a câmera com ele, ou inclinamos a câmera para cima, para baixo, para a esquerda ou para a direita, alteramos a perspectiva que, por sua vez, muda o relacionamento dos elementos” (Duchemin, 2015, p. 141).

Em geral, as fotografias se caracterizam como o resíduo da experiência, impedindo o apagamento das experiências pela sucessão dos momentos. O fotógrafo profissional busca persuadir o público com a escolha do período, geralmente intuitiva e rápida, e diferentemente de outras profissões artísticas, ele deve fazer uma única escolha essencial: escolher o instante correto.

Segundo John Berger (1972), "Fotógrafos não traduzem as aparências. Eles citam". Porém, "A fotografia não pode mentir, mas, da mesma forma, não pode dizer a verdade; ou melhor, a verdade que ela diz, a verdade que ela pode por si mesma



defender, é uma verdade limitada". Portanto, ela fornece o detalhe que estava faltando para a contextualização completa e não a verdade total do acontecimento.

O espaço foi desenvolvido socialmente através de práticas, representações e processos históricos, evidenciando como os seres humanos (seres sociais) produzem sua própria história, vida, consciência e mundo. Ele também pode ser utilizado como forma de poder e dominação dos indivíduos, como os governos e as corporações, que mudam o ambiente conforme os seus interesses, demonstrado na limitação de territórios e na criação de fronteiras.

Há diversas percepções de espaço, conforme Henri Lefebvre (1974), ele se divide em cinco principais definições: o espaço concebido, ou seja, são os planos, mapas e representações abstratas do meio, criadas por arquitetos e outros profissionais. É o espaço das ideias e da teoria; o espaço percebido se caracteriza em como o ambiente vivenciado é usado cotidianamente pelas pessoas, sendo marcado pela experiência sensorial e prática. O espaço vivido envolve a dimensão simbólica e emocional do meio, como ele é sentido, imaginado e vivido pelos homens em seu cotidiano. Já o espaço urbano são as cidades, os edifícios, praças, pontes, toda estrutura envolta de um meio, ele reúne pessoas, mercadorias e ações, ignorando a riqueza das experiências humanas e a complexidade das relações sociais. Por fim, o espaço-natureza é a primeira etapa de um processo social, a origem de tudo, evidenciando a natureza como fonte para as matérias-primas, que acaba sendo afetada pelos grandes meios de produção desenfreados.

Em sua teoria "Espacialidade Global" (1994), Milton Santos afirma que o espaço atual é globalizado e interconectado, se modificando de acordo com a economia e cultura presente. Assim, a natureza é dita como produzida, pois foi alterada pelos indivíduos, colocando o espaço social como o fluxo de matérias-primas, as quais mostram as relações produtivas de um determinado meio. Nesse cenário, o homem não consegue ter uma relação completa e totalizante com o território que ocupa, visto que há uma dificuldade de conexão com a natureza e o mundo devido à manipulação de informações fragmentadas e dispersas.

A relação entre sujeito e meio ambiente evidencia a busca para suprir a demanda da crescente urbanização, na qual foi marcada pelo êxodo rural e desenvolvimento de indústrias. O aumento das cidades ocasiona em diversos impactos ambientais, seja pelo desmatamento, descarte inadequado dos resíduos sólidos, poluição decorrente das



fábricas ou da repressão dos ecossistemas pela construção de edifícios, casas ou estabelecimentos.

Em perspectivas futuras, caso não sejam tomadas medidas para reverter o uso inadequado dos recursos naturais por ações antrópicas, conforme o artigo “Conservação brasileira: desafios e oportunidades” (Brandon, Fonseca, Rylands e Silva, 2005), ocorrerá o desmatamento total de áreas, sem a possibilidade de recuperação, afetando o ambiente de vivência das plantas e animais, e os seres humanos sofrerão as consequências em termos de recursos hídricos, qualidade do ar e estabilidade climática.

Somado a isso, o desenvolvimento das cidades se caracteriza pela desorganização e a falta de estruturas devido a desigualdade social, situação acarretada, principalmente, pelo alto número de indivíduos presentes em locais pequenos. Portanto, a saúde mental da população é afetada pela falta de espaço, saneamento básico e pela redução da natureza. Além disso, com a necessidade da construção de edifícios, casas e estabelecimentos, o meio ambiente é reprimido e substituído por tons cinzas e construções não vívidas, o que ocasiona na decadência mental de diversas pessoas, visto que a natureza transmite tranquilidade e paz, por conta dos seus cheiros, sons e paisagens (Coelho, *et al*, 2023).

Diante do exposto, é necessário analisar as modificações presentes nos espaços atuais, os quais impactam no cotidiano da sociedade, fauna e flora. A fotografia, enquanto ferramenta importante para o registro e documentação, permite que capturemos e analisemos essas transformações de maneira crítica. Assim, torna-se um meio de conscientização ambiental, estimulando o diálogo sobre essa temática tão essencial para a manutenção vida e saúde mental da população.



2 JUSTIFICATIVA

De acordo com Leon Sanguiné, a população do município de Bento Gonçalves-RS cresceu significativamente ao longo dos anos. Em 2010, a cidade tinha cerca de 104.659 habitantes, e em 2022 esse número aumentou para 123.151, representando um crescimento de 17,67%. Há uma tendência de que esse número continue subindo. A área urbana é de 272 km², enquanto a área total do município é de 272,287 km², o que coloca a cidade na 16ª posição entre as mais populosas do estado do Rio Grande do Sul. Portanto, Bento Gonçalves se caracteriza como um município de crescente urbanização.

A urbanização desenfreada acarreta em diversos impactos ambientais, já que a natureza é substituída e modificada para a acomodação dos habitantes, com a construção de prédios, edifícios e estabelecimentos. Com isso, há o desmatamento das regiões, a poluição dos cursos d' água presentes, uma vez que os efluentes dos esgotos não são devidamente tratados, sendo despejados nos rios ou lagos próximos, a contaminação do ecossistema pelas grandes fábricas, a impermeabilização do solo com os asfaltos e calçadas e a exploração excessiva dos recursos naturais para suprir a demanda da crescente população.

A fotografia é essencial para registrar esses momentos do cotidiano, sendo uma ótima ferramenta para a recordação de memórias, disseminação de notícias ou tradições de diversas culturas. Conforme Milton Santos em sua teoria do “Meio científico-técnico-informacional”:

Não é nem meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais). É a cientificização e a tecnicização da paisagem. É, também, a informatização, ou, antes, a informacionalização do espaço. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas (Santos, 1994, p. 24).

Nesse sentido, a se insere no âmbito da tecnologia, através dos equipamentos que são o seu suporte, por exemplo, as câmeras, lentes e as configurações que permitem o uso da linguagem associada à fotografia. Com o passar dos anos, essas técnicas evoluíram para o meio digital. Ademais, com as redes sociais, as fotos circulam mais rapidamente por toda a sociedade, visto que essas plataformas proporcionam um acesso



fácil e imediato para todos. Além disso, há a republicação, a publicação de comentários e o algoritmo que alavanca o engajamento e a visualização por todos os indivíduos, além de desenvolver o senso crítico das pessoas, uma vez que estão constantemente opinando e comentando nas postagens.

Nesse sentido, a fotografia pode ser uma ótima ferramenta de registro das mudanças ambientais nos espaços urbanos, colaborando para a sensibilização da população, visto que ao capturar as imagens da modificação do meio ambiente nas áreas urbanas, ela torna visível muitas questões ignoradas no cotidiano corrido das cidades. Através de sua capacidade de registrar eventos e mostrar as diferentes realidades, inclusive no que diz respeito à diminuição de áreas verdes, por exemplo, as fotos proporcionam a conscientização ambiental e a necessidade de práticas mais sustentáveis, como o descarte correto de resíduos. Assim, estimula o olhar mais crítico sobre os efeitos da urbanização e inspira o desenvolvimento de práticas de preservação ambiental. Por fim, ela se torna ainda mais forte no contexto contemporâneo, especialmente com as redes sociais, pois a disseminação de informações ocorre de maneira mais eficaz e rápida.



3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

A presente pesquisa visa a analisar a fotografia como ferramenta auxiliar no registro e entendimento da alteração do espaço urbano pelo agente humano, em Bento Gonçalves-RS.

3.2 Objetivos específicos

- Verificar as mudanças antrópicas presentes na localidade de Bento Gonçalves/RS;
- Compreender de que maneira elas impactam no cotidiano da população da cidade;
- Explorar aspectos do registro fotográfico para demonstrar os efeitos da urbanização no município.



4 METODOLOGIA

Para conseguir alcançar os objetivos propostos, inicialmente, foram realizadas leituras teóricas de artigos e livros que integram questões sobre a fotografia e suas práticas e importância. Além disso, buscamos definições sobre o conceito de espaço e como o ser humano se relaciona com ele com o meio ambiente que o cerca. Ademais, partindo das nossas observações, discutimos sobre o modo como áreas naturais compartilham espaço com elementos urbanos em locais, visto que a quantidade de áreas verdes na cidade pela qual transitamos todos os dias, diminuiu.

Posteriormente, foi feita uma tomada fotográfica em alguns lugares da cidade de Bento Gonçalves/RS, que evidenciam relações de competitividade ou complementaridade entre o ambiente natural e a urbanização. No total, foram tiradas aproximadamente 100 fotos, das quais selecionamos 20 imagens para a análise, sendo divididas 10 para cada situação (competitividade e complementaridade).

Durante a realização da pesquisa, produzimos um caderno de bordo, o qual contém as principais leituras que embasam o trabalho, as etapas metodológicas e os resultados obtidos com a impressão das imagens. Esse caderno de bordo contém, também, as datas das reuniões e discussões feitas no processo de formação da ideia central do projeto. A figura 1 representa a tomada fotográfica, realizada no dia 13 de agosto na cidade de Bento Gonçalves, com a finalidade de registrar e analisar as relações do meio natural com o meio urbano.

Figura 1 - Pesquisadoras durante a tomada fotográfica em Bento Gonçalves



Fonte: Michele Savaris, 2024



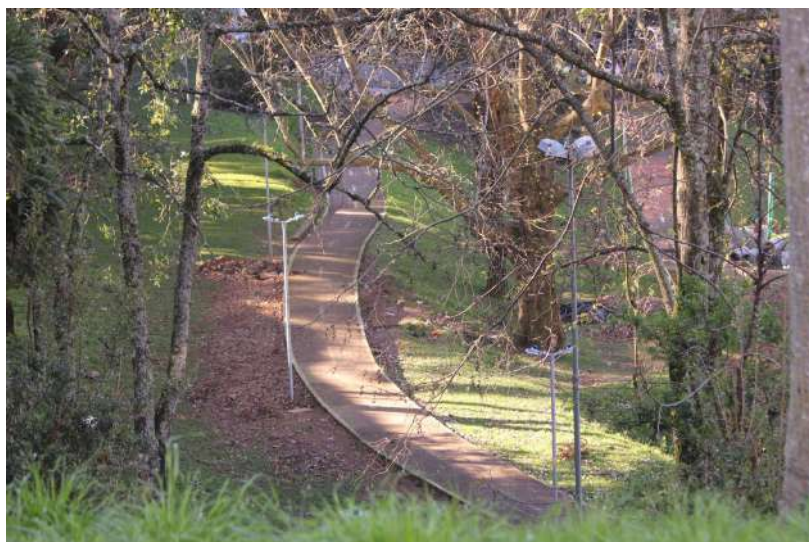
5 RESULTADOS OBTIDOS

O crescimento das cidades é um processo inevitável e, nesse cenário, a preservação do meio ambiente é, cada vez mais, uma ação necessária. Assim, para que o homem e a natureza pudessem conviver sem prejuízos, deveria haver maior conscientização por parte das pessoas, de modo a manter o equilíbrio entre as necessidades que a vida na cidade exige e a manutenção de áreas naturais nesses espaços urbanos. No entanto, por mais que os governos busquem estratégias para garantir esse equilíbrio, é visível que em inúmeros centros urbanos essa relação acaba beneficiando muito mais o homem e menos a natureza.

Abaixo, através da exploração da linguagem fotográfica, trazemos à discussão alguns registros de espaços da cidade de Bento Gonçalves/RS que mostram como se dá a relação entre os espaços naturais e o avanço da urbanização e em que medida podemos perceber a presença ou ausência desse equilíbrio.

5.1 Relação de complementaridade

Figura 2 - Parque em Bento Gonçalves



Fonte: Autoras, 2024.

O recorte da imagem mostra que as autoras estavam em um lugar mais alto e, por isso, tinham uma visão privilegiada do cenário. É possível perceber que o local está bem arborizado e, apesar de possuir elementos mais urbanos, como a pista de corrida



(bem centralizada) e os postes de luz, todos estão em harmonia, visto que não prejudicam o desenvolvimento um do outro. Por meio do enquadramento, evidencia-se um espaço urbano que evidencia a preocupação com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, com a criação de um local de integração e convivência entre os cidadãos para uma vida mais saudável e ativa.

Figura 3 - Árvore e fios condutores de energia



Fonte: Autoras, 2024.

Figura 4 - Árvore e fios condutores de energia - novo ângulo



Fonte: Autoras, 2024.



As duas fotografias acima registram a mesma árvore, no entanto, com pontos de vista diferentes. Em ambas, observamos que os edifícios estão no segundo plano e os galhos da árvore, que ocupam o primeiro plano, parecem se conectar com os fios elétricos que se estendem de algum poste, gerando uma espécie de “ilusão de ótica” pela continuidade da extensão dos dois elementos. Essa conexão simbólica retrata a complementaridade dos dois elementos. Além disso, cabe observar que a Figura 4 mostra a imagem de um ângulo mais aberto, o que nos permite ver uma longa escada que se estende do plano mais alto ao mais baixo do terreno. No entorno, ainda resiste a grama verde que, provavelmente, existia no lugar do que, agora, corresponde à escada. A cor verde das folhas e da grama remete à saudabilidade dessa vegetação.

Além disso, a cidade, ao fundo, se torna uma parte secundária da foto, pois se destaca a planta e os pontos elétricos do local. Reforçamos a ideia de que a árvore parece fazer parte dos fios dos postes. Essa junção pode sugerir que, tanto os elementos naturais quanto artificiais podem estar juntos em um mesmo espaço, em equilíbrio, sem afetar o desenvolvimento um do outro.

Figura 5 - Moldura formada pelas árvores



Fonte: As autoras, 2024.

Na figura 5, temos um enquadramento com moldura. Percebem-se duas árvores, que funcionam como laterais de um quadro, enquadrando, assim, uma rua longa que se estende bem no centro da imagem. Ademais, é possível verificar que no local existe



uma quantidade considerável de árvores, compartilhando o seu crescimento a rua pavimentada e os edifícios.

Figura 6 - Balanço em meio à vegetação



Fonte: Autoras, 2024.

O enquadramento mostra um balanço, bem centralizado, e, no seu entorno, fica evidente que a área é arborizada, rodeada de vegetação. O balanço, e a casa atrás, mostram que existe presença humana no local, mas que isso, provavelmente, não tenha modificado o terreno no sentido de substituir a vegetação por pavimento ou algum tipo de pedra. Vale lembrar que é muito comum o fato de muitas plantas serem retiradas para darem espaço para novos empreendimentos, o que, felizmente, não ocorre na figura 6.

Figura 7 - Vegetação e urbanização separadas por uma cerca





Fonte: Autoras, 2024.

A figura 7 registra que no primeiro plano temos uma quantidade considerável de árvores que quase escondem o conjunto de edifícios no segundo plano. Também é possível ver uma cerca que parece separar os dois cenários. Com isso, é perceptível a presença da biodiversidade no local, apesar da presença urbana.

Figura 8 - Araucária no meio urbano



Fonte: Autoras, 2024.

Na figura 8, vemos uma araucária cortando a imagem, simetricamente, na vertical. Atrás, está um grande edifício, ocupando a paisagem urbana e, também, compartilhando espaço com a árvore que representa a preservação de um pedaço do ambiente natural. Pela sua beleza e grandiosidade, verifica-se o cuidado com a espécie, que não foi prejudicada pela a expansão urbana. Portanto, ao deixar a árvore no seu espaço, o seu desenvolvimento não é prejudicado.



Figura 9 - Araucária no meio urbano - novo ângulo



Fonte: Autoras, 2024.

O registro acima é do mesmo espaço daquele representado na figura 8. No entanto, o ângulo diferente permite outro ponto de vista, que mostra uma estátua apontando sua mão para a araucária. Dessa forma, a árvore em frente ao edifício demonstra que sua presença é apenas decorativa, mas importante para a harmonização do local, contaminado por estruturas urbanas. Já a estatueta cria uma ironia visual, no qual o objeto inanimado parece considerar mais a importância da planta do que a própria população.

Figura 10 - Araucárias no primeiro plano

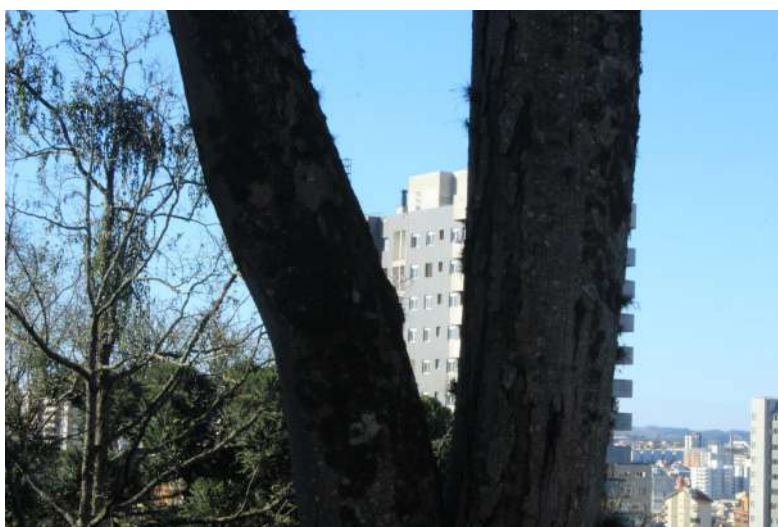


Fonte: Autoras, 2024.



Aqui, um novo ângulo, desta vez mais aberto, permite mais um ponto de vista. Observamos, portanto, três araucárias compartilhando espaço com os edifícios que as cercam e, neste caso, não aparenta conflito entre o ambiente urbano e natural, pelo contrário, oferecem um visual de harmonia e tranquilidade. Nesse sentido, as plantas e a cidade se conectam, sugerindo que a presença do verde, ainda em contextos de grande urbanização, evidencia um equilíbrio visual.

Figura 11 -Edifício emoldurado



Fonte: Autoras, 2024.

Por meio do enquadramento por moldura, observa-se um edifício visto através de uma forquilha formado pelo tronco de uma forte árvore, que serve como uma significativa divisória entre a natureza e a área urbana, no qual a lateral esquerda, representada pelo verde, contrasta com a direita onde há a aparição da cidade. Ademais, na imagem há a divisão entre os dois elementos, os quais ambos ocupam a mesma porção de espaço, evidenciando uma igualdade entre a natureza e a urbanização.

Conclui-se com as fotografias evidenciadas que é possível a natureza e a urbanização manterem uma relação de complementaridade. Ao passar dos anos, o crescimento das cidades não necessariamente necessita ocorrer em oposição à natureza, uma vez que há a possibilidade de ambos coexistirem de maneira equilibrada. A urbanização quando planejada de maneira ambientalmente correta, ou seja, que respeite os limites naturais, gera a preservação ambiental, a qual enriquece o bem-estar humano e dos animais, trazendo maior qualidade de vida e saúde. Exemplos de planejamentos



sustentáveis são: corredores ecológicos, implementação de praças verdes e a concretização de Áreas de Preservação Permanente (APP) ou Áreas de Proteção Ambiental (APA). Por fim, essa complementaridade depende do comprometimento coletivo, envolvendo a participação ativa da população e governos, sendo necessária a educação ambiental.

5.2 Relação de competitividade

Figura 12 - Árvore cortada



Fonte: Autoras, 2024

A imagem mostra um tronco cortado de uma grande árvore de anos. Pelo ângulo da foto, sabe-se que estava perto de uma calçada e, no chão, ao redor, há uma quantidade significativa de cimento. Na lateral superior esquerda, há um pneu de um carro e, ao lado do tronco cortado, uma caixa de cigarro descartada de maneira incorreta. Nessa foto, fica claro que o ser humano priorizou o espaço urbano, eliminando uma árvore, provavelmente, com a finalidade de facilitar o estacionamento de carros ou para possibilitar a construção de algum edifício ou casa. Contudo, essa planta poderia servir como sombra ou abrigo, além de contribuir para o ciclo climático natural. Ademais, o resíduo de cigarro demonstra a falta de sensibilização da população para o descarte final ambientalmente correto dos materiais em uma lixeira. Portanto, podemos dizer que os cidadãos não estão completamente conscientes sobre a importância do meio ambiente, o que é demonstrado pelo corte da árvore e o resíduo no chão.



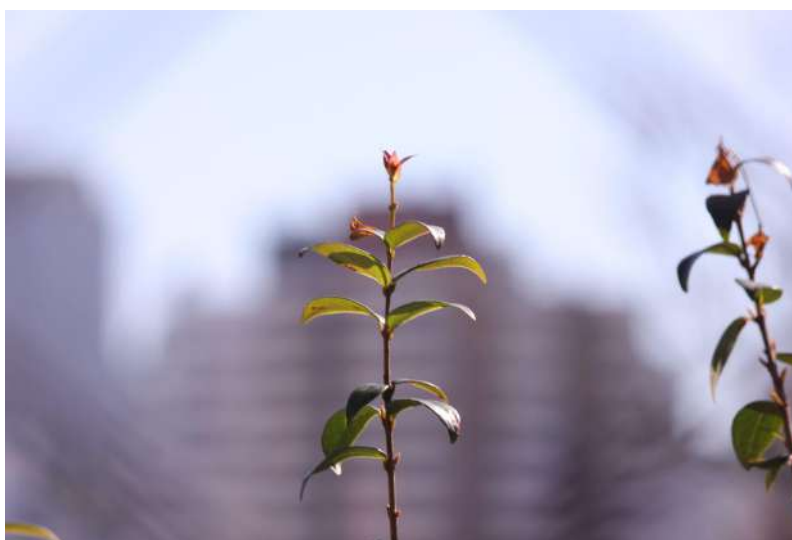
Figura 13 - Descarte incorreto de resíduos



Fonte: Autoras, 2024

Por meio da imagem, verificam-se resíduos de garrafas e embalagens plásticas utilizadas pela população, descartadas indevidamente numa área com terra, dentro do espaço urbano. Ao expor essa prática incorreta, demonstra-se que a urbanização sem consciência leva, diretamente, à poluição dos espaços, prejudicando o desenvolvimento das espécies, além de afetar o visual da cidade, tanto para os próprios cidadãos como para os turistas da região, uma vez que a cidade de Bento Gonçalves é conhecida como a capital da uva e do vinho.

Figura 14 - Edifícios ao longe - profundidade de campo reduzida



Fonte: Autoras, 2024



A foto com pouca profundidade de campo, destaca, em primeiro plano, duas mudas de árvores. Atrás, com certo desfoque, é possível observar grandes edifícios. Fica evidente que mesmo o foco estando na planta, no primeiro plano, os prédios ainda se sobressaem devido a sua grandiosidade e formato, e poderíamos interpretar a imagem como uma espécie de competição entre os dois cenários. Nessa perspectiva, a planta pequena é, simbolicamente, reprimida pelas construções, apesar de sua importância social e ambiental. Os edifícios, portanto, embora desfocados na imagem, se destacam em relação às plantas, e mesmo quando a fotografia busca valorizar as mudas, os prédios continuam visíveis. Se o foco da imagem estivesse nos imóveis, as plantas passariam despercebidas, o que também ocorre no cotidiano.

Figura 15 - Ambiente urbano e áreas verdes



Fonte: Autoras, 2024

Por meio do enquadramento, vemos uma parte considerável da cidade, e observamos a abrangência dos elementos urbanos com poucas áreas verdes. Nota-se que em meio à grande quantidade de casas e edifícios, há uma pequena parcela de área verde, comprovando a maior presença do urbano em relação à natureza. Nesse sentido, o meio ambiente se torna um produto manipulável e vendável pelos moradores, eliminando toda a importância relativa ao desenvolvimento dos ecossistemas.



Figura 16 - A divisão entre o urbano e a natureza



Fonte: Autoras, 2024

Nessa fotografia, há uma forte presença de árvores, porém estão cercadas e presas a um território pavimentado, ou seja, uma ação realizada pelo homem. Ao analisar a imagem, percebe-se que a cerca azul está em situações precárias pela luta da vegetação para sair desse espaço, demonstrando um aprisionamento angustiante para a vida verde. O principal poste de luz, que está no centro da foto, divide dois cenários: à esquerda predomina a árvore e, à direita, o cotidiano urbano, representado pelos carros, pelo pavimento e pela enorme quantidade de fios elétricos.

Figura 17 - Novo corte que mostra o coração de uma planta



Fonte: Autoras, 2024



Essa imagem mostra o tronco, centralizado, de uma árvore cortada, localizada no centro da cidade de Bento Gonçalves. Percebe-se que seu entorno é coberto de pedras e cimento, postos com a finalidade de construir uma calçada. Assim, para alcançar o objetivo, foi necessário o corte da árvore, o que evidencia que a localidade prioriza a urbanização. As raízes da planta parecem tentar sobreviver em meio ao concreto. O enquadramento da imagem mostra que o tronco era de uma árvore de grande porte, saudável, mas a presença do cimento que se integrou às raízes expostas, acabou, de certa forma, sufocando essa espécie.

Figura 18 - Chão urbano fraturado



Fonte: Autoras, 2024

A fotografia mostra um pequeno recorte da calçada, que está fraturada devido à provável queda de um objeto muito pesado. Nota-se que, através da fratura, pequenas plantas estão nascendo, numa tentativa de driblar a presença sufocante das pedras da



calçada. Essa visão só é possível, pois o enquadramento colocou esses elementos no centro da foto. É possível analisar que a urbanização impede o desenvolvimento da natureza em alguma medida em razão da impermeabilização do solo pela presença do calçamento.

Figura 19 - Composição de árvores e edifícios



Fonte: Autoras, 2024.

Nota-se que nessa imagem há três árvores em meio à parede com pichações e a um prédio branco. O processo de urbanização, em geral, prioriza a construção de edifícios e, nem sempre, há a preservação das áreas verdes. Ademais, é destacado o contraste entre o cinza do concreto, representado pelo muro e pelos prédios, e o verde das árvores e do céu azul. Tal imagem reflete uma tensão comum em áreas urbanas,



onde o espaço verde pode ser limitado em meio à expansão de grandes edifícios. Dessa forma, por meio do enquadramento e da composição fotográfica, observamos a pujança das três árvores solitárias, como se estivessem pressionadas pelo crescimento da cidade, sem um espaço adequado para se desenvolver.

Figura 20 - Raízes que lutam



Fonte: Autoras, 2024.

Figura 21: Raízes que lutam - nova perspectiva



Fonte: Autoras, 2024.

As duas imagens (20 e 21) acima registram o mesmo lugar, porém de ângulos um pouco diferentes. Percebe-se que a primeira, ao focalizar apenas na metade do



tronco da árvore, não evidencia o crescimento da planta que aparece na figura 21, que, apesar de estar em um local desfavorável, em meio a calçada, persiste para conseguir se sustentar. A força do crescimento das raízes deslocou algumas pedras usadas para formar a calçada, o que mostra a dificuldade da planta em se desenvolver, prejudicando o seu crescimento natural. Além disso, na imagem 21, vemos que algum tipo de gramínea conseguiu nascer no pouco espaço entre o tronco da árvore e a calçada, num ato simbólico de resistência contra a ação humana. Ao observar essa situação no cotidiano, é possível afirmar que muitas pessoas, talvez, não notem, mas, por menores que sejam, todas as plantas desempenham um papel fundamental na regulação saudável do planeta.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da tomada fotográfica, foi possível verificar alguns aspectos que poderão impactar, futuramente, no processo do avanço urbano e da consequente diminuição de áreas verdes na cidade de Bento Gonçalves. O corte de árvores, a disposição incorreta de alguns resíduos sólidos e a falta de equilíbrio entre a quantidade de edifícios e da vegetação podem intensificar o risco de desastres ambientais e da falta de conscientização por parte da população. A observação sobre esses aspectos foi possível por meio das imagens registradas, que auxiliam na compreensão do espaço da cidade de uma maneira mais analítica e crítica em relação à urbanização e aos seus efeitos sobre o meio ambiente.

Com o desenvolvimento econômico e social, há uma tendência de o ser humano se tornar ainda mais preocupado com o lucro, desconsiderando que suas práticas afetam o seu entorno. Apesar de a cada dia mais a sociedade utilizar da tecnologia para simplificar ações cotidianas, ainda é evidente que os indivíduos não a manuseiam de forma ativa para auxiliar na preservação e conservação ambiental. Esses impactos ambientais vão além das mudanças climáticas, poluição e perda da biodiversidade; levam, também, à diminuição na qualidade de vida, ao consumismo predatório e à desigualdade social.

Essas repercussões afetam diretamente a sociedade, com o modelo predatório, prioriza-se o lucro em detrimento do bem-estar social, marginalizando comunidades vulneráveis e limitando seu acesso a recursos essenciais. Já o consumo em excesso promove estilos de vida insustentáveis, enquanto a poluição e a degradação ambiental geram problemas de saúde e reduzem os espaços com fauna e flora saudáveis. Além disso, as mudanças climáticas aumentam a vulnerabilidade dos seres humanos, levando a deslocamentos e insegurança alimentar. Tais questões geram efeitos mentais e sociais negativos, como ansiedade, por exemplo, evidenciando a necessidade urgente de uma abordagem mais ecológica e inclusiva no desenvolvimento sustentável.

Diante disso, podemos afirmar que a educação ambiental é uma prática de extrema necessidade no contexto atual, visto que auxilia na criação de sujeitos ecologicamente conscientes. Para isso a fotografia se mostra como uma ferramenta



metodológica importante, pois “modalidades artísticas propiciam/estimulam a integração dos sujeitos com o meio ambiente de forma lúdica, criativa, crítica e atraente” (Alves; Silveira, 2008, p. 136).

Com isso, através das reflexões que fizemos, principalmente, a partir das 20 fotografias, percebe-se que essas imagens exercem um papel fundamental ao direcionar o olhar do espectador para aspectos específicos do local que ele habita, orientando para diferentes leituras e interpretações desse ambiente. Através dos diferentes ângulos, enquadramentos e composições de um registro fotográfico, podemos fazer com que os indivíduos tenham a sua atenção direcionada no sentido de perceber detalhes que, no dia a dia, não seriam notados, como pudemos ver nas figuras 20 e 21.

Então, a escolha estética feita pelo fotógrafo pode ocultar realidades que devem ser expostas pela sociedade, como as ações que possam causar, com o passar do tempo, desastres naturais. Ao selecionar de maneira restrita elementos cotidianos, pode-se contribuir para a visibilidade dos impactos ambientais presentes nos espaços, apontando para as ações humanas prejudiciais à natureza e buscando mudanças para evitar estas situações.

Diante do exposto, evidencia-se o papel significativo da fotografia ao capturar momentos e paisagens que refletem as transformações provocadas pela urbanização. Ao longo dos anos, o crescimento desenfreado das cidades resultou em uma série de impactos ambientais, como a poluição, a perda de áreas verdes e a degradação de habitats naturais. Esses efeitos não apenas alteram um equilíbrio dos ecossistemas mas também afetam diretamente a qualidade de vida das pessoas. Nesse cenário a fotografia surge como uma ferramenta poderosa de documentação e sensibilização, trazendo à tona as consequências visíveis do desenvolvimento urbano acelerado.

A evolução da fotografia potencializou ainda mais a documentação das mudanças ambientais causadas pela urbanização, especialmente com o surgimento das redes sociais, que facilitam a disseminação dessas imagens. Isso torna a educação ambiental mais eficaz, alcançando um número maior de pessoas e ampliando o impacto das mensagens visuais sobre a necessidade de práticas sustentáveis.



O crescimento das cidades tem se acelerado ao longo dos anos, impulsionado inicialmente pelo êxodo rural, ou seja, a migração de pessoas das áreas rurais para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. No contexto de Bento Gonçalves, esse processo de urbanização tem se intensificado de maneira significativa, com tendência de crescimento contínuo. No entanto, esse avanço traz consigo diversas mudanças no meio ambiente, uma vez que é preciso adaptar a infraestrutura para acomodar os novos habitantes, muitas vezes em detrimento de áreas naturais e recursos ambientais.

A urbanização quando mal planejada pode intensificar problemas ambientais que já são enfrentados, como o aquecimento global e a escassez de recursos naturais. Além disso, o processo de expansão urbana frequentemente leva a ocupação desordenada do solo, aumentando os riscos de desastres naturais. Ao capturar essas realidades, a fotografia torna-se um meio de conscientização, instigando reflexões sobre a importância de um planejamento urbano mais sustentável e equilibrado, que respeite o meio ambiente e promova a harmonia entre o desenvolvimento e a natureza.

Por meio de imagens, fotógrafos podem expor tanto a beleza quanto à fragilidade do mundo natural, reforçando a urgência de proteger o meio ambiente. Fotografias de áreas devastadas pela ação humana, como florestas desmatadas ou rios poluídos tem o poder de sensibilizar o público e inspirar mudanças de comportamento. Assim, a fotografia não só documenta os efeitos da urbanização, mas também serve como um alerta visual e emocional, destacando a necessidade de políticas mais sustentáveis e de um maior engajamento da sociedade na preservação do planeta.



REFERÊNCIAS

ALVES, Josineide Vieira; SILVEIRA, Larissa Souza. *O Uso da Fotografia na Educação Ambiental: Tecendo Considerações*. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 3, n. 2 – pp. 125-146, 2008.

BERGER, John. *Modos de Ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BRANDON, Katrina. FONSECA, Gustavo, RYLANDS, Antônio, SILVA, José Maria. *Conservação brasileira: desafios e oportunidades*. Bahia: MEGADIVERSIDADE, v.1, n. 1, 2005.

COELHO, Nogueira Henrique, *et al.* *Urbanização e adoecimento mental: o paradigma das grandes cidades*. Paraná: Techfag Magazine, 2023.

DUCHEMIN, David. *Falando fotograficamente*. Tradução: Raphael Bonelli. Balneário Camboriú, SC: Photos, 2015.

LANGFORD, Michael; FOX, Anna; SAWDON, Richard. *Fotografia básica de Langford – Guia completo para fotógrafos*. Tradução: Edson Furmankiewicz. Porto Alegre: Bookman, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. 15ª ed. Paris: Anthropos, 1974.

RODRIGUES, Crisafulli Ricardo. *Análise e tematização da imagem fotográfica*. Brasília: Ciência da Informação, v. 36, n. 3, p. 67-76, 2007.

SANGUINÉ, L. *Concentração urbana de Bento Gonçalves se aproxima dos 200 mil habitantes, aponta Censo 2022 - Leouve - Leia. Ouça. Veja*. Disponível em: <<https://leouve.com.br/geral/concentracao-urbana-de-bento-goncalves-se-aproxima-dos-200-mil-habitantes-aponta-censo-2022/>>. Acesso em: 9 out. 2024.



SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo*: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.